

9 DE NOVEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27949 de 9 de Novembro de 2007, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA
DE
GANDRA

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" do *Diário do Minho* desta sexta-feira, [ainda a habituar-se às sextas-feiras, depois de muitos anos a sair sempre às quintas-feiras], é dedicado à igreja de São Martinho de Gandra.

Em vésperas da festa de São Martinho, o «cultivador do espírito de partilha», que se celebra depois de amanhã, consideramos oportuno falar desta igreja. Trata-se de um templo de construção seiscentista, embora esteja bastante modificada tanto no interior como no exterior. Apesar de haver poucos elementos identificativos de uma igreja românica, os historiadores não têm dúvida da existência de um tempo anterior a este, com características desse período medieval. Pelos dados documentais recolhidos, tudo aponta para que a igreja tenha sido concluída entre 1695 e 1700.

No entanto, as informações mais precisas sobre a igreja de São Martinho de Gandra chegaram-nos através das "Memórias Paroquiais de 1758", que dão conta não só do estado do templo dessa época como, principalmente as peças de arte, designadamente os altares e as imagens, felizmente, muitas delas ainda existentes, e outras, entretanto, desaparecidas. Nesta edição, vamos abordar o actual estado da igreja, as recentes obras nela realizadas, parte da dívida por saldar, e também da festa de S. Martinho, a última romaria do ano.

E porque não há igreja ou capela que não tenha a sua lenda, também vamos falar das lendas ligadas a São Martinho e à sua igreja em Gandra.

Antiga igreja de Gandra estava no lugar do Olival

O historiador Manuel Albino Penteado Neiva escreve no seu livro "Gandra: Monografia Histórica", que se encontra no prelo e quase pronto a ser editado, que «a primitiva localização da igreja é alicerçada pelos inúmeros vestígios que no Olival se podem recolher e que atestam esta informação».

Neste seu novo trabalho, o investigador cita Teotónio da Fonseca que, em 1936, no seu livro "Esposende e o seu concelho" escreveu que «o sítio em questão não se distingue das restantes propriedades circunvizinhas, não fossem as ditas oliveiras que marginam a série de caminhos que aí se cruzam».

Por outro lado, salienta Manuel Albino Penteado Neiva, «também uma observação atenta à composição dos muros das propriedades mostra a presença de granito, por vezes bem aparelhado, a denotar a sua anterior presença nas paredes de uma construção».

Contudo, Teotónio da Fonseca, novamente citado pelo historiador faz referência a achados importantes naquele local e que deverão ter pertencido ao templo primitivo. «Os achados mais significativos serão as duas soleiras de porta, de boas dimensões, a servirem hoje de tranqueiros no acesso a uma propriedade, um capitel de tipo toscano, bastante desgastado e alguns fragmentos de tégula», conta Teotónio da Fonseca, em 1936.

A estes indícios, acrescenta ainda o autor, «a que juntamos algumas grandes lascas de xisto que poderão ter servido em sepulturas, como na necrópole das Barreiras, em Fão, são mais que suficientes para admitirmos a anterior presença de um templo, como aliás, reza a tradição».

«A ser verdade, aqui poderá estar o que resta do primitivo templo paroquial da Gandra, antes da sua substituição pelo actual, que é obra do século XVII», afirma Teotónio da Fonseca na sua obra "Esposende e o seu concelho".

A estes dados fornecidos pelo autor, Manuel Albino Penteado Neiva acrescenta no seu livro a editar brevemente que, «quando se procedeu ao arranque das oliveiras naquele que era o denominado Campo do Olival, foram encontradas ali ossadas humanas e vestígios de algumas construções».

«Várias questões, no entanto, se colocam sobre a datação do primitivo templo. Qual o papel do capitel toscano? E as tégulas aí aparecidas? Segundo alguns autores, estes elementos poderão ser de uma época romana tardia, séculos IV, V, ou já da Alta Idade Média», sustenta o historiador. Na sua opinião, uma parte



> A paróquia de Gandra esteve anexada à de Marinhãs

destes achados poderá ser datada do período moçárabe, «e, então, poderão ser do templo que, pelos séculos IX e X, presidiu aos destinos da "villa-ecclesia" que estará na origem da freguesia de Gandra».

Freguesia de Gandra nas Inquirições

Uma das fontes que atestam a antiguidade desta paróquia é a documentação escrita que chegou até nós e conhecida pelos historiadores. E, no seu livro "Gandra - S. Martinho", editado em 1986, Manuel Albino Penteado Neiva afirma que o documento mais antigo que se conhece a fazer referência a esta freguesia data de 1145, tratando-se de uma fonte histórica que foi estudada por Avelino Jesus da Costa. No entanto, acrescenta, no livro "Vila e Concelho de Esposende no IV Centenário" afirma-se, aquando da referên-

cia a Gandra, que o documento mais antigo que se conserva sobre esta localidade data de 1108. «Desconhecemos por completo o seu conteúdo e a que documento se refere o autor do artigo», afirma o historiador.

Certa é, porém, a menção à freguesia de Gandra nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, que surge com o nome de "Sancto Martino de Gandra". «Aí se diz que as suas terras não eram reguengas», conta Penteado Neiva. Ainda segundo o investigador, nas Inquirições de 1258, «esta freguesia é denominada por "Sancti Martine de Gandra" e continuavam a afirmar que o rei não era patrão desta igreja». «Gandra aparece pela primeira vez como "freguesia" nas Inquirições do monarca D. Dinis em 1290», acrescenta.

Outro dado importante na história remota desta paróquia e que data do templo primitivo, é a sua anexa-

ção, em 1358, à paróquia das Marinhãs. Segundo Franquelim Neiva Soares, no livro "Marinhãs - Monografia Histórico-Religiosa, a igreja de Cepães estava numa situação muito precária e não podia satisfazer os seus encargos. Os efeitos da peste tinham dizimado muitas pessoas e provocado o abandono das terras, tendo esta conjuntura sido reportada ao Arcebispo D. Guilherme. «Em tão difícil situação, o Arcebispo, atendendo a que S. Martinho da Gandra era de pleno direito da sua colação, vizinha das Marinhãs e de tão diminuto valor que não podia sustentar reitor próprio que aí residisse, e querendo, por outro lado, que o culto de Cepães não diminuísse mas antes aumentasse, anexou, no temporal e espiritual, Gandra, logo que vagasse, às Marinhãs», afirma o historiador. Em 1528, esta anexação ainda vigorava.

A paróquia de Gandra, cujo padroeiro é S. Martinho, teve uma igreja primitiva que, segundo os historiadores, estava localizada no lugar do Olival, não se sabendo, porém, quando terá sido construída. No entanto, tendo em consideração que esta é uma paróquia já referida nas Inquirições do século XIII, é legítimo pressupor que este terá sido um templo pequeno e, muito provavelmente, de estilo românico.

Actual templo de Gandra foi construído em 1697

A actual igreja paroquial de Gandra terá sido construída em 1697, tendo em consideração a petição elaborada pela população em 1716 dirigida ao Arcebispo de Braga para a instituição do Sacrário no templo. No documento, datado de 30 de Novembro de 1716, o pároco de então explica ao prelado que a igreja de Gandra «foi transferida há 19 anos de uma agra para junto à freguesia». Ora, esta é uma informação preciosa que permite tirar a conclusão que a actual igreja foi edificada 19 anos antes de 1716, ou seja, em 1697.

Mas, neste seu testemunho, o sacerdote transmite um outro dado que também merece uma atenção especial, pois dá uma pequena e sucinta explicação para a razão do novo templo. Tendo em consideração o seu texto, a igreja foi deslocada «porque ficava muito distante das casas» e «agora está feita de novo». No estudo elaborado por Manuel Albino Penteado Neiva, que vai ser publicado brevemente no livro intitulado "Gandra: Monografia Histórica", o historiador realça que já, por volta de 1694, «a igreja de Gandra andava em obras, pois nessa altura os enterramentos eram feitos na capela de Nossa Senhora de Guadalupe». Segundo explica, existe mesmo na documentação que analisou um testemunho que prova esses mesmos enterramentos.

«Num dos assentos de óbitos, o Vigário escreveu que Domingos Gonçalves Casado, viúvo, fora sepultado naquela capela porque "... a igreja desta freguesia de S. Martinho de Gandra está derrubada e a nova só meia feita", afirma.

Assim, é fácil de ver que, em 1694 já decorriam as obras de construção do novo templo ao mesmo tempo que a igreja primitiva estaria a ser desmantelada.

No entanto, Manuel Albino Penteado Neiva chama a atenção para um dado curioso, também obtido no estudo que realizou à documentação que teve acesso. «Curiosamente, em 1695, já o Vigário refere que as pessoas começaram a ser sepultadas na igreja velha», sustenta.

Construção da igreja associada a lenda

Ainda relacionado com a construção da actual igreja de Gandra há uma lenda, ou tradição popular, que explica a razão do local escolhido para a edificação do templo e que foi recolhida e passada para o papel por Manuel Albino Penteado Neiva. Segundo o historiador, «corre na tradição que a construção da nova igreja esteve projectada no lugar do



Interior de igreja de Gandra



A igreja foi edificada num local mais próximo das casas



A lenda diz que foi vontade divina que a igreja fosse construída no local onde se encontra

Matinho, um pouco mais ao Sul». No entanto, acrescenta, «demolido o velho templo e formando-se uma grande "acarretada", para o transporte da pedra e outros materiais que tinham servido nas antigas edificações, indo os carros numa grande fila, ao passarem no sítio onde hoje está a actual igreja, quebrou a roda do da frente, tombando e obstruindo o caminho».

Assim, «tudo parou e a gente que acompanhava o trabalho correu ao sítio do desastre» e, «quando começaram a trabalhar para porem em movimento aquele grande com-

boio, alguém aventou a ideia de que a vontade de Deus talvez fosse ser a igreja construída ali e não em outro lugar, como do sinistro se poderia conjecturar», conta.

O historiador refere no seu texto que «todos concordaram, uns por crença, outros por comodismo de não irem mais longe» e «descarregaram, então, os materiais transportados e deram princípio à construção do novo templo».

Em termos arquitectónicos, as gentes de Gandra edificaram «um edifício de planta rectangular». «Embora haja quem defenda que esta igreja possui

elementos que a configurem com o românico», a verdade é que «nenhum vestígio arquitectónico pode levar a essa suposição», sustenta Manuel Albino Penteado Neiva.

«É uma construção em alvenaria, não possui reboco, nem pintura. A sacristia surge do lado Sul, no ângulo do corpo central com uma das ca-

pelas. A frontaria tem uma rosácea quadrilobada, rematando com uma cruz florenciada, acompanhada por pináculos nos topos de cada ângulo. Tem uma torre sineira, adossada à frontaria pelo lado Norte, ostentando quatro sinos e um interessante relógio com mostrador em granito», descreve o historiador.

POR ORDEM DE D. RODRIGO DE MOURA TELES

Gandra voltou a ter Santíssimo no início do século XVIII

Como foi anteriormente referido, a transição da velha igreja no Olival para a nova terá acontecido em 1697, a julgar pela informação contida no pedido de licença para a colocação do Santíssimo. Entretanto, na mudança, a paróquia de Gandra terá ficado sem o sagrado viático, ou seja sem o Santíssimo Sacramento. Sabe-se que a colocação do Santíssimo numa igreja implicava uma série de condições impostas pela Igreja, entre elas a higiene no templo, o respeito pelo Senhor exposto e também as condições materiais, designadamente o azeite para sustentar a lâmpada do Santíssimo. Na obra "Gandra: Monografia Histórica", ainda em prelo, do historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, a ser publicada brevemente, o autor diz que «os moradores de Gandra manifestaram vontade em ter, de novo, Sacrário na sua igreja», escreve, baseado no Registo Geral, Livro 66, do Arquivo Distrital de Braga. Ora, a expressão, «de novo», indica que a igreja já tinha Santíssimo. De facto, a nova igreja foi feita, com sacrário, preparada para acolher o sagrado viático. Assim, em 1716, os moradores formalizaram o pedido de instituição do Santíssimo Sacramento na igreja, ao então Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, famoso pela sua baixa estatura, mas sobretudo pela sua ampla visão e capacidade executiva de grandes projectos. No pedido, os moradores da freguesia de S. Martinho de Gandra, termo de Esposende, dizem ter «a sua igreja com sacrário preparada para poderem ter o sagrado viático e fizeram a doação junto para a fábrica pela grande necessidade que há o que é louvor e mérito e mando de visita o Reverendo Doutor António da Costa e porque para poder erigir a dita confraria e ter Santíssimo Sacramento necessitam de licença para o dito efeito, e receberam mercê».

Como argumentos, o primeiro signatário do documento, o vigário Simão Vieira, diz no despacho enviado ao Arcebispo de Braga «que fregueses tem a sua freguesia de pessoas de sacramento e que moradores há à roda da Igreja», anunciando ainda que constava do rol dos confessados da freguesia que, à época tinha 94 fogos, «casados tem 43, viúvos e viúvas 34, solteiros 27, pessoas de sacramento 257: menores 50 e menores 42». Curiosamente, é neste documento que encontramos uma informação



> Sacrário foi reposto na nova igreja em 1717



> Um dos altares mais antigos e mais belos da igreja

preciosa, porque precisa a data da transferência o templo. Ora, diz o vigário que a igreja foi «transferida há 19 anos de uma agra para junto à freguesia porque ficava muito distante das casas, agora está feita de novo e muitas casas havia em meio da freguesia a um lado e terá de distância dos primeiros moradores 50 passos pouco mais ou menos». Isto é, feitas as contas, se o pedido foi feito em 1716 e a transferência aconteceu 19 anos atrás, conclui-se que aconteceu em 1697.

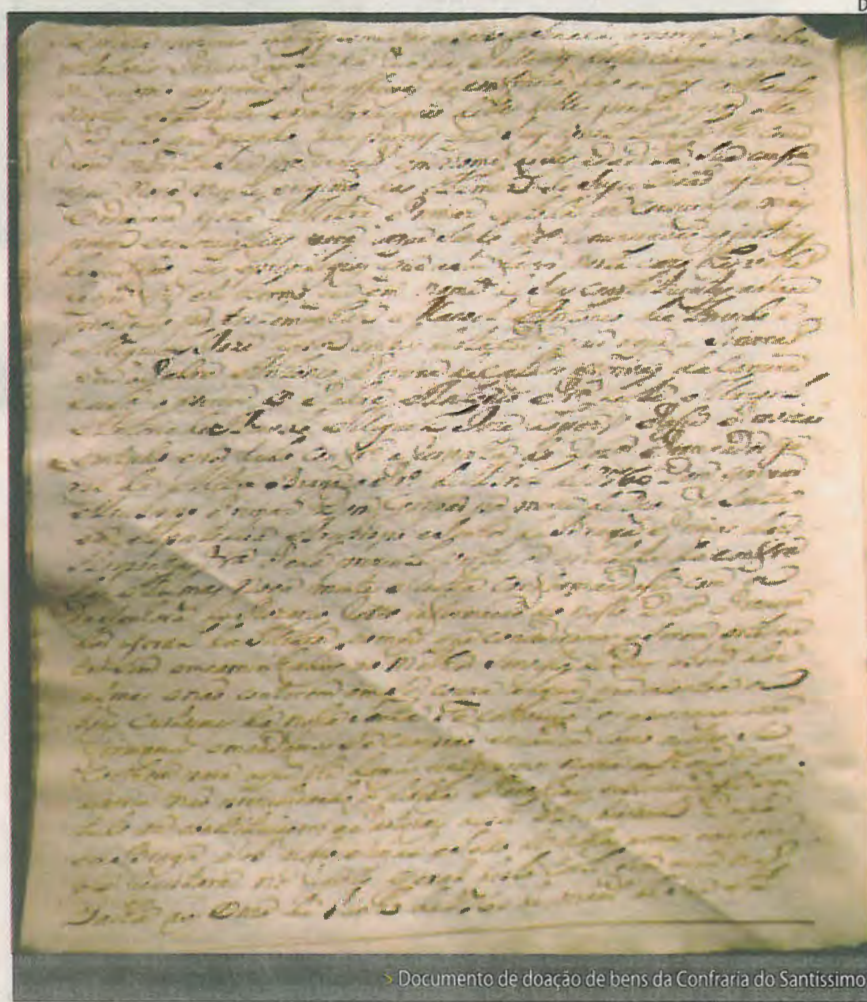
Confraria em seis meses

No pedido, os moradores comprometeram-se não só a erigir e aprovar uma Irmandade, com os respectivos Estatutos, em seis meses. Para sustento do Santíssimo, 55 moradores de Gandra «obrigaram-se a dar e doar à Confraria do Santíssimo Sacramento que de novo se institua nesta dita freguesia (...) daqui em diante enquanto o mundo durar determinados bens, que consistiam em terras e medidas». Nota para a

expressão "de novo", reforçando a ideia da existência do Santíssimo na igreja velha.

A tão esperada licença aconteceu no dia 18 de Fevereiro de 1717, altura em que o Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Moura Telles «promulga um diploma através do qual institui a Confraria do Santíssimo Sacramento em Gandra o que agradou, de sobremaneira, aos moradores desta freguesia. É assim que o dia 4 de Abril desse mesmo ano é comemorado com júbilo. Foi nesse mesmo dia que o vigário Simão Vieira acompanhado de todo o povo de Gandra colocou, pela primeira vez naquele templo, o Santíssimo Sacramento», refere Albino Penteadó Neiva.

E a intensa devoção terá durado por muitos anos. «São confrades todos os moradores da freguesia». Esta afirmação foi proferida em Maio de 1758 pelos vigários Manoel Vieira da Racha, Miguel Rodrigues Alves e Manoel Velho da Costa, o que dá ideia da intensidade com que era vivido o sacramento da comunhão na freguesia.



> Documento de doação de bens da Confraria do Santíssimo

ALTARES E IMAGENS DO SÉCULO XVIII

Interior da igreja espelha riqueza da talha barroca

A igreja de São Martinho de Gandra é mais um exemplo dos templos que nos surpreendem pela positiva, premiando os visitantes que ousarem entrar apenas para a visitar ou então para rezar. De facto, se o exterior apresenta linhas simples, sem grandes adornos artísticos, o interior surpreende-nos com a exuberância da arte da talha barroca, não só no altar-mor, mas também em pelo menos mais dois altares laterais do século XVIII.

Como ficou expressa na página anterior, as "Memórias Paroquiais de 1758" constituem um documento fundamental para os investigadores dos nossos tempos. O preciosismo de alguns sacerdotes na descrição das suas igrejas e da freguesia em geral dão-nos um verdadeiro retrato da época. Neste particular, vale a pena ver o que escreveram os vigários sobre o espólio da igreja: «tem cinco altares, a saber: o altar maior onde está o Santíssimo Sacramento de que são confrades todos os moradores desta freguesia. Tem o altar de Nossa Senhora do Rosário com a sua irmandade, com estatutos aprovados pelo Senhor ordinário. Tem mais outro altar do Santíssimo Nome de Jesus. Tem mais outro altar do Senhor Crucificado, chamado das Almas, e nelle de novo instituída huma confraria com a missa somaria pellas almas. Tem mais outro altar do Senhor preso à coluna, todos dourados», diz o documento assinado pelos vigários Manoel Vieira da Rocha, Miguel Rodrigues Alvares e Manoel Velho da Costa.

Olhando para a actualidade, nota-se que, de uma forma geral, está quase tudo na mesma, ainda que com algumas mudanças, normais pelas intervenções ocorridas ao longo dos tempos, tanto nos altares como nas imagens. Mas é no altar-mor, como é lógico, que se centra a atenção dos visitantes e fiéis em geral. Por um lado, porque é onde está Cristo, representado pelo Santíssimo; por outro lado, mas também por isso, é onde está a mais valiosa peça artística, com um sacrário muito bem concebido e decorado e uma tribuna grandiosa. Enfim, trata-se de um conjunto harmonioso, com esplendor e exuberância própria da arte barroca do século XVIII.

Falando do altar-mor, Albino Penteadado Neiva considera que, apesar das alterações, a harmonia permaneceu ao longo dos anos. «Os altares foram dourados, sofreram muitas alterações, mas é um barroco espantoso, com as colunas salomónicas altamen-



> Altar-mor é peça mais importante da igreja



> O Senhor Preso à Coluna é referido em 1758

te decoradas com folhas, com bagos, com anjinhos, entre outras características do estilo barroco», analisou.

Mudanças no altar e bênção de imagens

Este investigador acredita que parte do altar-mor, terá sido adaptado posteriormente, provavelmente aquando da construção das capelas laterais à capela-mor. Ou seja, «o altar-mor terá sido reajustado a uma nova dimensão. Originalmente, certamente havia apenas o sacrário e a tribuna», admitindo que os dois painéis, do padroeiro São Martinho e Nossa Senhora do Sameiro sejam posteriores. No entanto trata-se de painéis revivalistas bem conseguidos. Tanto mais que, normalmente nestes locais eram criados nichos, com colunas. Ainda assim, a intervenção não tirou harmonia ao altar-mor.

Os altares laterais da Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Dores, serão os primitivos, já referidos nas Memórias Paroquiais de 1758. As imagens que encimam os dois altares serão também bastante antigas e valiosas. Uma das imagens que dá nas vistas é a do Senhor preso à coluna.



> Isto é o que resta do antigo altar das Almas

Também está referenciada pelos vigários nos documentos de 1758. Porém, as gentes de Grandra desconfiam que essa imagem terá sido trocada por uma mais recente. Aliás, há outro documento valioso, datado de 1752, que dá conta não só das imagens como da sua bênção «Dizem os oficiais que servem

a Confraria do Senhor da Igreja de S. Martinho de Gandra (...) que eles têm a imagem do Senhor ECCE HOMO que é de engonços para servir em todos os passos e também têm a imagem de S. Francisco, todas perfeitas e acabadas necessitam de que sejam benzidas e como a dita freguesia a esta cidade dista

5 léguas, pedem a V. Reverência conceda licença a seu Pároco para benzer as ditas imagens, não lhes faz esmola e receberão mercê». O pedido foi feito ao Arcebispo de Braga, D. José, que acabou por aceder às pretensões dos «suplicantes». Do antigo altar das Almas resta um painel, este bem conservado.

PÁROCO APELA À COLABORAÇÃO DOS FIÉIS PARA PAGAR A DÍVIDA

Obras devolveram segurança e protecção à arte interior

A igreja de São Martinho de Gandra é, actualmente, um templo, seguro, airoso e com toda a sua arte interior protegida, nomeadamente as imagens e os altares. A intervenção que acaba de ser concluída teve por objectivo conferir segurança e conforto aos fiéis, mas também protecção da arte, particularmente no interior, conforme assegurou o pároco, padre António da Silva Lima. O sacerdote falou da obra e assegurou que ficou bem feita. «Fizemos a cobertura total do telhado, vigamento da estrutura e a própria telha. Limpámos toda a cantaria da igreja e isolámos o tecto de tal maneira que não é tão fácil a infiltração de qualquer humidade. Ao arriscarmos fazer obras quisemos fazer uma coisa bem feita e preparada para o futuro», disse o pároco de São Martinho de Gandra. Questionado sobre a necessidade da intervenção, o padre Lima não tem dúvidas de que ela era urgente e pertinente. «Basta olhar para a madeira que está no exterior. Penso que há mais de 50 anos que não eram feitas obras tão profundas. Era colocada uma telha ou outra de longe a longe, mas nunca foi feito um restauro a sério. Portanto, impunha-se esta intervenção. Não podíamos pensar em passar outro Inverno nestas condições», assegurou. Apresentando mais argumentos para justificar as obras, o pároco explica que entrava água um pouco por todo o lado: «na sacristia, na igreja, nas capelas laterais, enfim, por todo o lado. E tínhamos que andar com baldes de um lado para o outro sempre que chovia mais um bocadinho. Toda a gente via e sabe qual era a situação», afirmou.

Além do desconforto, o padre Lima apresenta outro argumento de peso para a realização das obras. «Era um atentado contra a própria arte existente na igreja. Recentemente, ainda no tempo do meu antecessor, o padre Cândido, foi feita uma grande intervenção nos altares, na capela-mor, que está muito bonita, não fazia sentido deixarmos deteriorar aquela arte com infiltrações. É nosso dever preservar esta arte», afirmou. Imediatamente após a sua chegada, há sensivelmente quatro anos, o padre Lima fez a repavimentação do soalho. Por isso, desta vez ficou de fora. «Estava tudo irregular, havia tacos levantados e fizemos uma intervenção mínima na altura, mas que ainda assim gastou algum dinheiro», disse, dando conta da troca dos bancos nas capelas laterais, acabando com as cadeiras velhas. Interrogado se a igreja é pequena, o pároco lamenta não concordar e explica porque: «Infelizmente, não é pequena para a comunidade local, a não ser em dias especiais como



Adro e a envólucra do templo também foi beneficiado



O telhado da igreja foi completamente reformulado

a celebração dos Fiéis Defuntos e São Martinho. Por um lado, a prática cristã diminuiu muito; e por outro, aqui temos outro fenómeno: mesmo aqueles que são praticantes não o fazem na sua paróquia. A cidade de Esposende está aqui à beirinha, assim como as igrejas de Fão. Ou seja, existem outras ofertas de culto e horários mais apelativos, sobretudo aos domingos, situação que faz com que os fiéis se desloquem para outras paróquias», justificou.

Dívida ainda vai a meio

Este fenómeno reflecte também nas ofertas, fundamentais para saldar as dívidas contraídas na realização com as obras. «Há muita gente que nem sequer conhece a igreja ou que a visita cada vez menos. Até porque tem vindo para cá muita gente de fora, sobretudo para o lugar de Descampado. É quase toda gente que vêm de fora e pouquíssimos frequentem a igreja, a não ser quando é necessário um casamento ou um baptizado», explicou.

Por isso, o padre pede a todos, de modo particular aos emigrantes para que colaborem no pagamento da dívida de cerca de 20 mil euros. É possível que o pároco venha escrever uma carta aos paroquianos, solicitando o apoio. Elogiou o empresário Joaquim Sá, «um bom cristão e sério» que tem ajudado a igreja, mostrando compreensão quanto às fases de pagamento dos cerca de 20 mil euros que ainda faltam pagar. «Estou convencido que quando as pessoas começarem a olhar e a ver o trabalho feito vão dar a sua contribuição. Porque há muita gente que olha mas não vê. Vê que a obra está bonita, mas nunca pensa nos custos. Neste aspecto, não há muito bairrismo», considera. Durante a festa, o padre vai aproveitar a máxima de S. Martinho, «espírito da partilha», através do magusto de amanhã, para lançar mais um apelo à contribuição para as obras. Vai ser aberto um bar, com bolos oferecidos, café e outros produtos, revivendo as antigas quermesses, como mais uma forma de angariar alguma verba.



A talha barroca ficou a ganhar com as obras

S. Martinho de Gandra é a última romaria do ano de Esposende

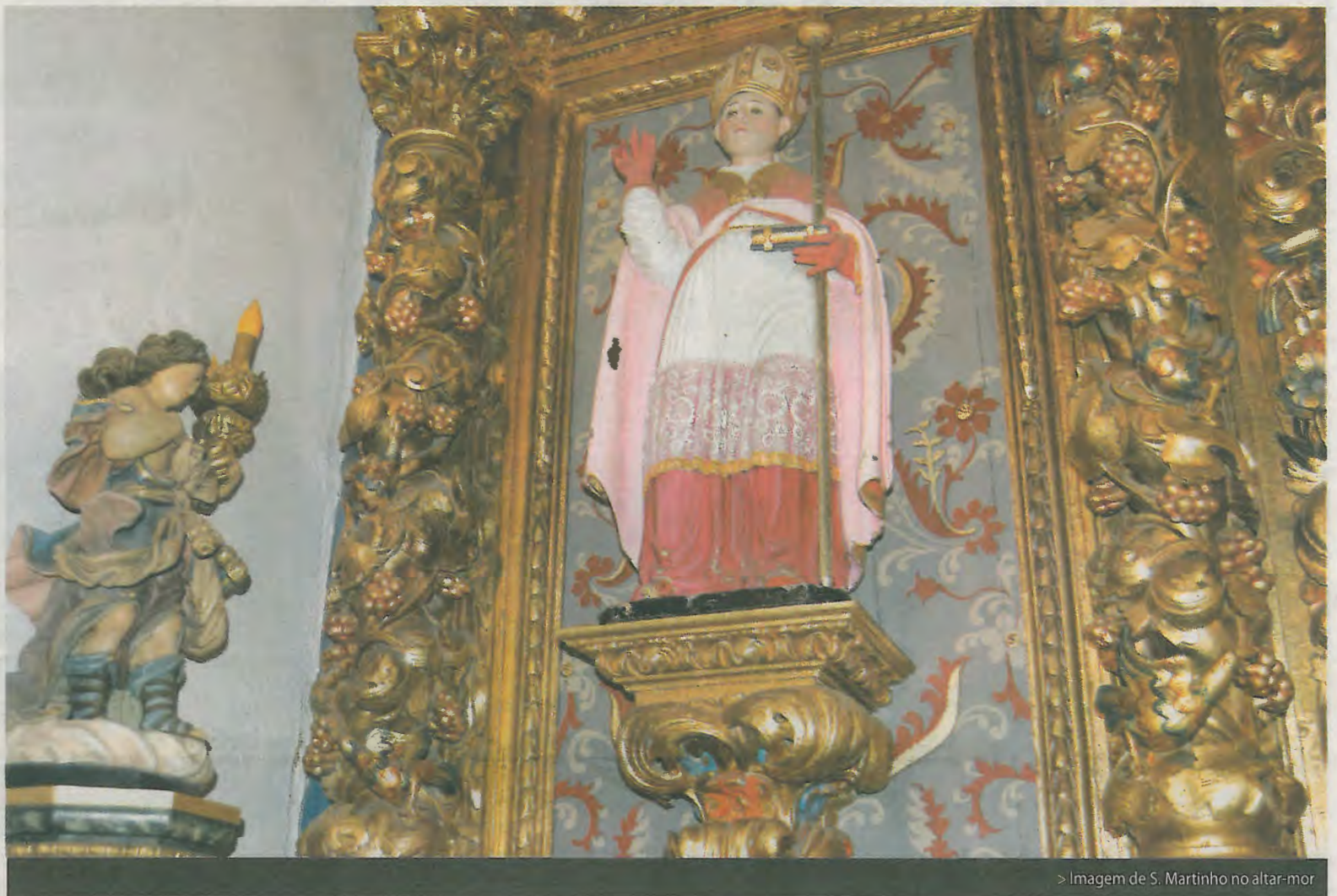
A freguesia de Gandra celebra o S. Martinho, seu padroeiro, organizando aquela que é a última grande romaria do ano no concelho de Esposende, sendo, por isso, uma festa muito concorrida. Todos os anos, Gandra escolhe o fim-de-semana mais próximo do dia 11 de Novembro, para realizar os seus festejos. Este ano, como o dia de S. Martinho coincide com o próximo domingo, o programa inicia-se hoje, dia 9 de Novembro. Segundo o pároco de Gandra, um dos momentos importantes desta romaria acontece precisamente na noite de hoje, tratando-se de uma procissão de velas, que marca o início da festa. «Esta procissão vem da capela de Nossa Senhora de Guadalupe, terminando na igreja paroquial, onde é celebrada depois a Eucaristia», afirma o padre António da Silva Lima. Logo a seguir a este momento religioso vem um grandioso magusto no largo da igreja, dando continuidade à tradição da partilha. «E, em outros tempos, não era só castanhas que se comiam. Era também um porco que se matava e toda a gente comia gratuitamente. Era, e continua a ser, um gesto bonito porque ainda hoje o vinho e as castanhas são oferecidas», salienta o sacerdote.

No domingo acontece, então, o momento alto de toda a programação religiosa. Para as 10h00 está marcada a Eucaristia solene em honra a S. Martinho e, à tarde realiza-se a procissão, precedida de sermão, que, por vezes, vai até ao cruzeiro, ou então, até à capela de Nossa Senhora de Guadalupe, dependendo das comissões de festa. Para este ano, revelou o pároco, a procissão irá até à capela de Nossa Senhora de Guadalupe, voltando para a igreja pelo mesmo caminho.

«Na missa solene não costumamos ter muitas pessoas. Mas, à tarde, temos em Gandra forasteiros de todo o lado, muitos para ver os figurantes e os andores da procissão. E, aqui, as pessoas têm muito brio no arranjo dos andores. Elas dão tudo o que podem para engalanar os andores», realça o padre António da Silva Lima.

Lenda de S. Martinho

O sucesso desta festa popular reside, provavelmente, no facto de ela ser a última que se assinala antes do Natal. No calendário, depois dos santos populares, de todas as romarias de Verão e do S. Miguel, em Setembro, surge, com a chegada do frio, o S. Martinho, a quem se costuma associar a prova do vinho e as castanhas, sendo esta a derradeira



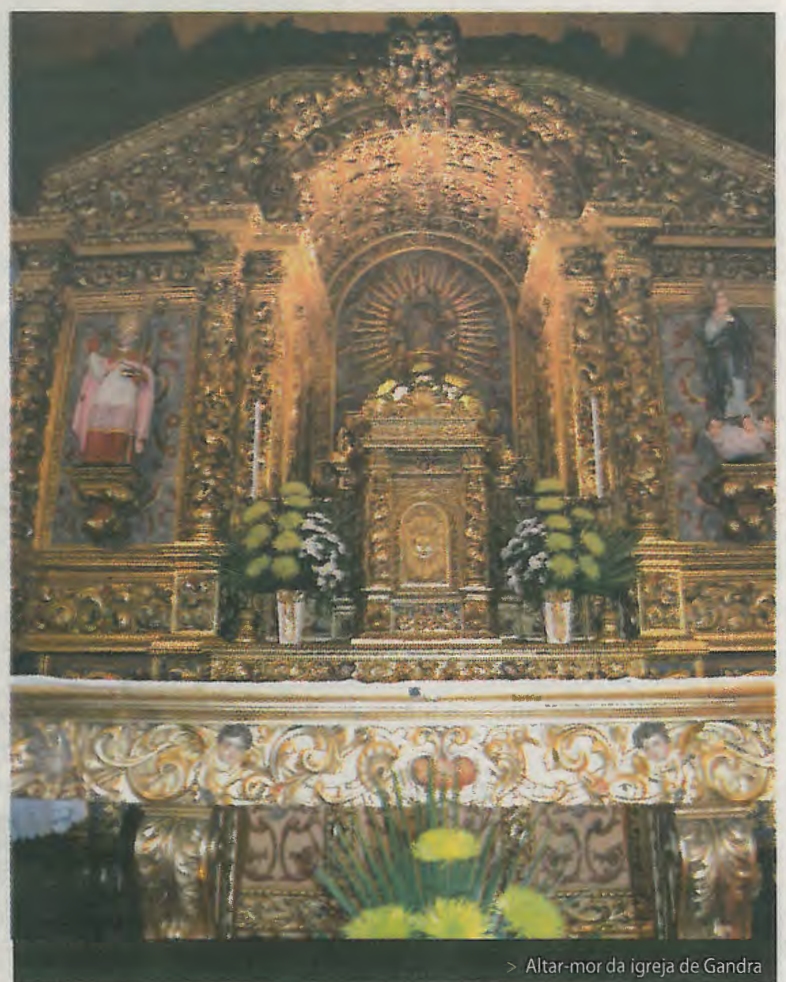
> Imagem de S. Martinho no altar-mor



> Painel de azulejos que retrata a lenda de S. Martinho

romaria à qual as pessoas não querem faltar. E, ao falar-se deste santo, é obrigatório recordar a sua lenda que, na sabedoria popular, explica o chamado "Verão de S. Martinho". Segundo reza a história, Martinho nasceu na Panónia, região da actual Hungria em 316. Filho de um militar do exército romano, estudou em Pavia, entrando para o exército com 15 anos, onde chegou a cavaleiro da guarda imperial. Apesar de professar a religião dos seus antepassados, Martinho não se mostrava insensível à mensagem cristã. Num dia chuvoso e frio, ia ele a cavalo e junto às portas de Amiens, em França, viu um pobre, com ar miserável e quase nu, que lhe pediu esmola. Como Martinho não levava consigo qualquer moe-

da, num gesto de partilha e de solidariedade, cortou a sua capa e deu uma das metades ao pobre para que este se agasalhasse, provocando o riso dos seus companheiros de armas. Reza a lenda que, de imediato, a chuva parou e surgiu o sol. E, desde aí e todos os anos, nesta época do ano temos o Verão de S. Martinho. Sentindo-se um homem novo, Martinho abandona a vida de militar e funda mosteiros, primeiro em Ligugé, e depois em Marmoutier, perto de Tours. Com o tempo, as suas pregações, o seu exemplo de despojamento e simplicidade fazem dele um homem considerado santo, sendo aclamado Bispo de Tours. Foi no dia 8 de Novembro de 397 que S. Martinho faleceu e o seu corpo, na viagem para Tours, onde chegou a 11 de Novem-



> Altar-mor da igreja de Gandra

bro, foi acompanhado por dois mil monges e muito povo devoto. Conta ainda a tradição que S. Martinho morreu na altura da arribação dos gansos. E, no seu funeral, conta-se, que houve um grande al-

vorozo de gansos que partiram em arribação e as pessoas associaram a alma do S. Martinho aos gansos que estavam a partir. Por isso, uma das iconografias de S. Martinho está relacionada com o ganço.



> A fachada da igreja de Gandra foi remodelada já no século XX e a marca dessas obras está patente na diferença entre as pedras de granito utilizadas. As de tom mais claro, referentes à parte mais recente, contrastam com as de tonalidade mais dourada, ou seja, pertencentes à estrutura mais antiga.



> A actual torre sineira da igreja de Gandra é uma obra relativamente recente. No traçado primitivo deste templo, construído em 1697, a torre encontrava-se exactamente no lado oposto.



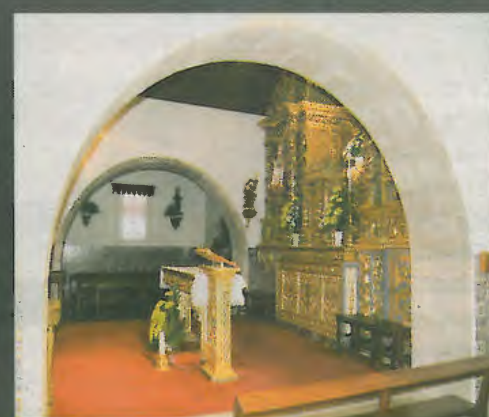
> A pia baptismal da igreja de Gandra é em granito, apresentando vestígios de ter sido pintada, e denota ser muito antiga. Pelas suas características, é provável que esta peça possa ter sido transferida da igreja primitiva para o novo templo.



> Na parte superior de um dos altares laterais encontra-se a imagem de S. Francisco de Assís. Tendo em consideração que esta imagem é referida nas "Memórias Paroquiais de 1758", ela será das mais antigas da igreja de Gandra.



> A igreja de Gandra possui uma talha barroca de grande interesse que foi recentemente restaurada. Exemplo disso é o trabalho realizado para embelezar o altar-mor. Na imagem pode ver-se um pormenor da tribuna.



> A igreja de Gandra possui duas capelas laterais que foram construídas para dar mais espaço ao templo. Trata-se de uma ampliação recente.